

**A CLASSE OPERÁRIA NÃO VAI PARA O PARAÍSO ...****Annibal Coelho de Amorim**

[Médico. Doutor em Saúde Pública]



É relativamente comum encontrarmos a expressão que dá título a esta coluna em documentários, filmes, livros, poesias, canções, reuniões de historiadores, filósofos. Mas, na maior parte das vezes, esta frase precisa ser melhor compreendida quando submetida a uma análise contextual mais abrangente, particularmente em um cenário pandêmico ou pós pandêmico. E a compreensão a que nos referimos, não pode se restringir aos possíveis efeitos mais imediatos que a vinculam ao cenário político. Em outras palavras, quando nos inclinamos em direção ao conteúdo imagético da expressão, muitos hão de aspirar que o tema aqui delineado tem um forte apelo místico-religioso, como a pintura da capela sistina de Michelangelo busca representar. Se de um lado, os apelos político-ideológicos retiram da expressão um efeito vocacionado para a luta de classes, de outro, temos que nos render à convicção de que apesar da Pandemia Covid-19 ter demonstrado que o SARS-Cov2 atingia pessoas de diferentes extratos sociais, não podemos negar, em hipótese nenhuma, que as pessoas mais pobres e vulneráveis foram - e continuam sendo - aquelas mais atingidas por essa terrível tragédia humanitária. E não custa repetir mais uma vez - quase como um jargão - que independente da virulência que nos atinge a todos, alguns continuam amealhando os recursos necessários para viver em pleno bem estar. Nos assombra, por exemplo, saber que diante dos graves impactos humanitários que a Pandemia revelou ao redor do planeta, alguns bilionários brincam de fazer turismo interestelar com os lucros obtidos durante este período sombrio e doloroso da história sanitária contemporânea. Se analisarmos, por um breve momento, o montante de recursos financeiros necessários para lançar um foguete tripulado - turístico ou não - ao espaço, chegaremos à conclusão que o chamado “criador” na obra de Michelangelo não está estendendo sua mão à “primeira criatura humana”, e sim se afastando dele ao constatar que a relação “criador – criatura” desandou de vez. Assim, o “todo poderoso” (os que ostentam seus bilhões no espaço) - não me sirvo da expressão de forma literal como o “criador” senão como ironia - enquanto aqui, diante dos nossos olhos, pessoas morrem de fome ou de vírus. Para estes que consideram o “espaço como a nova fronteira” e investem seus recursos em viagens interestelares, o filósofo Zygmunt Bauman apresenta como denúncia a desterritorialização e a desnacionalização das riquezas terrenas. Isto contribui para que os indivíduos sintam na própria pele as consequências humanas da globalização. Os dividendos extraterritoriais - acumulados comercialmente durante a Pandemia - financiaram “lá do alto” que pouquíssimos humanos constatassem que o Planeta é realmente redondo. Desta forma, para nosso maior assombro, se ousarmos postar lado a lado a tela de Michelangelo e a fotografia de homens e mulheres na face da Terra buscando “ossos e restos de carne” para fazer sopa, percebemos o abismo criado entre extratos de classes sociais. Enquanto uns se aventuram no espaço com o dinheiro do comércio digital transnacional, outros se lançam ao chão duro e frio do lixo em busca de restos de comida, sem um tostão furado no bolso. O mais desafiador é reconhecer que ambos - ultra pobres e ultra ricos - estão posicionados em um mesmo cenário, uma vez que querendo ou não, precisam dos trabalhadores da ciência para formular estratégias de sobrevivência, diante da ruptura do equilíbrio da equação ambiente e saúde. Em extremos muito opostos, seres humanos, uns que lucram de todas as formas e outros que sofrem os efeitos do processo de espoliação da relação capital e força do trabalho. Assim, encontra-se a tênue situação entre o “criador” e a “criatura”. Se, me permitem, não há aqui nenhuma ironia, existe uma correlação entre as “mãos que se distanciam”, ao invés do que permite sugerir a pintura de Michelangelo. Uns ganham tudo e outros apenas recolhem os restos. A síntese: aqui na Terra poucos ganham acesso ao paraíso!!! Olhem com mais rigor a pintura e vejam que os “anjos” dão suporte ao “criador” para se afastar de sua “criatura”, quase a sugerir: “olhe o que fizeste ... enquanto milhões e milhões sofrem, outros sonham em conquistar o paraíso, te afaste dele!” Diz-se que um (ultra)bilionário norte-americano (que possui cerca de 186 bilhões de dólares), acaba de ser destronado por alguém do mundo da moda, que hoje tem em seu poder um trilhão de reais. Logo, é razoável pensar que a raça humana, de um extremo ao outro, dos poucos bilionários aos bilhões de famintos mundo afora, se encontram distanciados não apenas por classes sociais mas também da influência empática que podem ter sobre “seus semelhantes”. Não pretendo sair da “espaçonave Terra” e andar no espaço. Prefiro dar pequenas caminhadas na tentativa de ajudar os trabalhadores da saúde a compreender que a “a classe operária não vai para o paraíso”, porque o paraíso aqui referido não é o mesmo figurativo da Capela Sistina. De fato é um ou outro paraíso fiscal onde milhares de reais, dólares, euros, francos, se encontram depositados, não é verdade?!? Enquanto isso, diante de nossos rostos, algumas autoridades e “todos poderosos” se recusam a pagar impostos em nossa “terra mãe”, deixando à mingua homens, mulheres e crianças, que só conseguem alcançar “ossos e sobras” com suas mãos trêmulas e olhos famintos.

**Trabalhadores, se toquem, porque “a classe operária não vai para o paraíso” fiscal...**

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*